

O espaço da paisagem, sem bordas ou limites

Lygia Arcuri Eluf

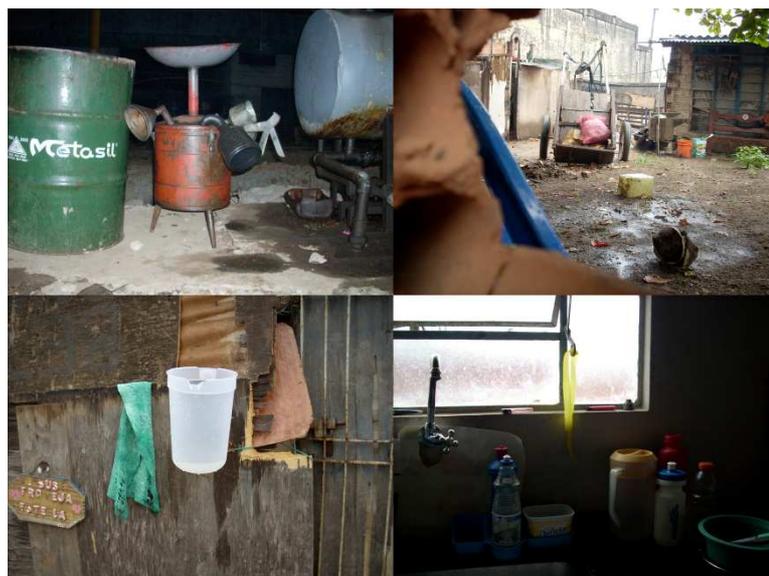
A percepção da paisagem não é apenas a experiência da existência e da transformação das coisas num espaço determinado: é a experiência de um espaço que acontece. A experiência tal como ela é, de estar entre e no meio do acontecimento multiforme das figuras espaciais. Algumas dessas seqüências fotográficas tratam da paisagem (seqüências 01, 02, 03, 04, 05).



Explorar o espaço com os sentidos - onde prevalece o olhar; medir as distâncias e compreender a localização, marcar o território e construir um mapa: é disso que tratam essas imagens.

O sentido dessas ações está na intenção de nos introduzir nessas paisagens esteticamente construídas, seja no tempo real ou no metafórico. Real, no sentido literal, de abandonarmos as quatro paredes e sairmos ao ar livre (condição necessária porém não suficiente para as imagens que se apresentam) e metafórico, quando nos movemos nesse espaço e compreendemos que as orientações pragmáticas que determinam nosso comportamento no tempo e no espaço não são mais suficientes. Tornamo-nos receptivos às presenças irregulares, estranhas, e algumas vezes bizarras, que habitam essa paisagem. São como cenários estáticos por onde se move o observador. O homem ausente, mas todo ele na paisagem. Esse cenário de acontecimentos que afeta a atividade e a sensibilidade desse homem.

A gestão existencial e cultural, individual e social desses personagens é a consciência estética das formas, e isso transparece nas imagens. Não se trata apenas da organização dos objetos no espaço: o que importa são as propriedades simbólicas que unem tais objetos. Seus significados se organizam por si, porque estão vivos. São as manifestações visíveis e vividas que constituem tais paisagens. A paisagem fotografada é a concretização dos vínculos que se estabelecem numa ordem que revela uma percepção de mundo específica.





A existência de cada um de nós acaba vinculada ao espaço que habitamos. Nossas referências, afetividades, desejos e frustrações se tornam representações físicas, ancoradas nos objetos, cores, cheiros e formas com as quais ocupamos nosso lugar no mundo. Em diferentes dimensões, e de diferentes modos, tratamos de registrar ou personalizar nossa passagem pelo mundo.



Essas imagens apresentam antes de tudo um questionamento de identidade que se reflete no espaço que habitam: despersonalizado, desestruturado e povoado apenas por fragmentos de referências pessoais.

O olhar condutor da cena registrada por meio da fotografia - e nesse caso ousou afirmar que (esse olhar) foi determinado pela inteligência e sensibilidade de Nenê Jeolás - captura a transitoriedade da vida e acaba por imprimir o mesmo sentido na paisagem externa à da paisagem interior onde tudo se torna efêmero e passageiro. Essa condição incomoda, assusta, mas parece ser o único modo de permanência e de se aprender a lidar com ela.

Minha relação com a paisagem se estabelece através de meus olhos: as paisagens são meus olhos e por meio deles, todo meu corpo. Ao pensar sobre a paisagem me descubro nela e me encontro no centro de tudo, como um ser que se move e apreende os significados culturais que ali acontecem. Através deles sinto, percebo e compreendo o que é essa paisagem. Mover e ser simultaneamente são a consciência desse corpo único.

Grande parte das imagens registra a intimidade e revela alguns índices de identificação de seus autores: a questão sexual - desprovida de sensualidade, a provocação, a condição marginal dos personagens, a solidão e a exclusão do mundo, das possibilidades iguais para os iguais. E lá está, de algum modo, atuando como testemunha dessa condição, uma construção espacial absolutamente única.

O que me faz pensar: onde habita a alma nessa vivência poética?